REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno 36 n.os	Semest. 18 n.os	Trim. 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	-$-	-$-
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	-$-	-$-

9.º ANNO — VOLUME IX — N.º 262

1 DE ABRIL 1886

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA, L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

A nossa chronica de hoje é a resposta cathegorica e prompta, á pergunta que formulavamos na chronica do numero anterior.

— O que será a Patti em Lisboa? perguntavamos nós ahi.

A multidão enorme que enchia o theatro de S. Carlos na noite de 27 de março respondeu a essa pergunta com uma apotheose.

E registemos aqui essa data de 27 de março de 1886, que ficará por muitos annos sendo a data mais memoravel do nosso theatro lyrico, tantos annos quantos forem necessarios á caprichosa natureza para produzir uma segunda Patti.

E naturalmente não serão muitos poucos, porque a natureza faz-se muito rogada para confeccionar d'estes prodigios.

E a Patti é effectivamente uma mulher prodigiosa.

Diziam por ahi uns sujeitos que teem um prazer ineffavel em pôr senões em tudo, que a Patti estava decadente, que era uma ruina, que caminhava apressadamente para o seu occaso, e muitas cousas mais n'este genero, com mais ou menos elegancia segundo as forças do estylo de que dispõem.

Eu nunca ouvi a Patti senão agora, não sei o que ella era ha vinte annos, ha quinze annos, ha dez annos, mas o que sei é que hoje é uma cantora assombrosa, uma artista-maravilha em plena posse de todos os recursos previlegiados que nunca vimos reunidos em tão alto grau, em tão nitida e completa perfeição em nenhuma outra artista.

A sua voz tem a frescura de timbre, a facilidade de emissão, a flexibilidade de execução que denunciam a mais potente força, o mais pleno vigor e os vinte annos que essa voz tem tido de exercicio longe de a prejudicarem, temn'a aprimorado, sem lhe tirarem nada ainda da sua belleza nativa, temlhe dado a mestria, a perfeição, o acabamento de methodo, que só o longo estudo aturado póde conceder.

A Patti tem hoje quarenta e tres annos, mas Rosina continua a ser a andalusa mais graciosa, a creança mais adoravel que o sol de Sevilha tem alumiado atravez das luzes da ribalta: a Arte tem sido tão prodigiosa que se substitue ainda á natureza tão perfeitamente que o esforço se não presente ainda, que o processo não se deixa advinhar; e essa certidão de edade que podia ser para uma artista menos notavel um toque de recolher, não é para Patti por emquanto senão um attestado do que póde o seu talento extraordinario a sua arte excepcional.

N'outro logar o OCCIDENTE consagra um artigo á famosa diva, acompanhando o seu retrato e isso dispensa-nos de tratarmos aqui da carreira gloriosa da Patti, das suas qualidades supremas, das ovações excepcionaes e unicas que tem feito d'ella de ha muito, uma unica e excepcional celebridade: trataremos portanto apenas da sua estreia no theatro de S. Carlos, da sua apresentação ao publico de Lisboa, o acontecimento culminante da nossa capital.

A chegada da Patti a qualquer paiz é sempre um facto de sensação, o que seria então em Lisboa onde como já muitas vezes temos notado tudo o que diz respeito a cousas lyricas tem o condão de dominar todas as preoccupações e onde o nome de Adelina Patti era ha tantos annos conhecido e desejado.

Ouvir a Patti constituia ha muito tempo um dos supremos anhelos do lisboeta,

De vez em quando, os jornaes noticiavam vagamente que um emprezario qualquer pensava em trazer a Patti a Lisboa.

E essa noticia fazia logo profunda sensação na nossa terra.

Depois a noticia não se realisava e o publico ficava desanimado, cabisbaixo.

O sr. Amann trouxe a Lisboa a Donadio, o Sarasate, a Esippoff, o Rubinstein, e o publico começou a agarrar-se á dourada esperança de que elle trouxesse cá a Patti.

E a Patti não veio.

O sr. Freitas Brito trouxe o Gayarre, e o publico pôz-se outra vez á espera da Patti.

Schurmann traz um bello dia a Sarah Bernhardt.

A quand la Patti?

D'alli a mezes vem a Chaumont.

E a Patti?

D'alli a semanas a Judic!

E a Patti?

E os mezes passavam-se e os jornaes estrangeiros traziam-nos todos os dias noticias de *tournées* triumphaes da celebre Patti, narrativas minuciosas das suas apotheoses enthusiasticas pela Europa e pela America, das suas canções loucas, mas já ninguem fallava em que a Patti viria a Lisboa, e Lisboa desanimada começava a perder a esperança de a vêr.

É que no fim de tudo trazer a Patti a Lisboa não é negocio de brincadeira: a Patti é unica no mundo lyrico em celebridade, mas tem tambem preços unicos e não havia empresario que tivesse a coragem de arrostar com o risco d'esses preços fabulosos.

Finalmente em outubro do anno passado, quando o theatro de S. Carlos estava para se abrir estouraram de repente em todos os jornaes nos annuncios da empreza Mattos & Valdez para cinco recitas de Patti.

Esses annuncios fizeram mais sensação em Lisboa de que todos os artigos politicos que se tem escripto no nosso paiz.

Em dois dias se tanto todos os logares para essas cinco recitas fica-

HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA, AUCTOR DO DRAMA «DUQUE DE VIZEU»
(Segundo um retrato da Photographia Phœbus)

ram assignados, e Lisboa a pobre, Lisboa a pelintra, despejava no camaroteiro de S. Carlos no praso de 48 horas, vinte e tantos contos de réis, em metal sonante, pagos logo alli.

E a cidade estava perfeitamente alvoraçada: finalmente ir ouvir a grande Patti, essa Patti que ha vinte annos a atordoava com o echo dos seus triumphos e da sua excepcional gloria.

De repente outra noticia: — a Patti não vem agora, só para março.

O desanimo então foi enórme, tão grande quanto grande tinha sido o alvoroço.

— E que já cá não vem, diziam todos desconsolados, fulminados pela desesperança.

E o caso é que ia sendo assim.

A Patti declarára terminantemente que não viria a Hespanha nem a Portugal emquanto houvesse quarentenas: e o cholera parecia não se querer ir embora e as quarentenas não se levantavam.

E toda esta epocha lyrica, a epocha mais brilhante que tem tido o theatro de S. Carlos desde que é theatro de S. Carlos, foi sempre animada por esta preoccupação.

O publico enthusiasmava se doidamente pelo grande Masini, pela famosa Borghi-Mamo, que lhe apparecia com mais talento do que nunca, pela Schalchi, pelo Cotogni, pela colossal Devriés, mas tinha sempre lá dentro do cerebro, lá no fundo a morder-lhe um pergunta:

— Quando virá a Patti?

Finalmente o colera foi-se de Hespanha e a Patti veio a Madrid: as quarentenas de Marvão levantaram e a Patti no dia 25 de março, apeava-se ás 6 horas da manhã na estação de Santa Apolonia.

Agora era certo, não havia que duvidar, iamos ouvir a Patti.

Mas o facto parecia tão assombroso, era tão inacreditavel por ser tão desejado, que já a Patti estava a almoçar no Grande Hotel de Lisboa os *filetes* que o Matta lhe preparara com toda a sua arte maravilhosa de rei dos cosinheiros, e na Avenida ainda corria com insistencia de que a Patti não chegava.

Mas n'isto passa uma *victoria* levando um homem de barbas louras, uma cara sympathica que Lisboa tinha ainda nas suas recordações de ha 16 annos e uma mulher gentil de grandes olhos negros, era a Patti e o Nicolini, as duvid s cairam por terra: era verdade, a celebre Patti estava em Lisboa.

Na manhã de sabbado os cartazes de S. Carlos annunciavam a sua estreia em grandes lettras e á noite o theatro encheu-se brutalmente até aos cocurutos das galerias.

No primeiro acto do *Barbeiro* a voz da Patti echoou pela primeira vez aos ouvidos ávidos dos lisboetas n'umas notas sem importancia que cortam por detraz das gelosias de Rosina a serenata amorosa de Almaviva.

No 2.º acto Rosina appareceu e em toda a sala houve um fremito de curiosidade.

A Patti estava finalmente em scena: aquella Rosina graciosa, gentilissima, que estava alli defronte de nós, com o seu encantador sorriso travesso, com os seus grandes olhos negros, era a celebre cantora, a artista adorada, que ha vinte annos é o idolo querido da Europa e da America.

Todos os binoculos ávidos, e os ouvidos apuravam-se para ouvir as primeiras notas.

A Patti começou a cantar e a representar, e representou e cantou como uma extraordinaria artista que é.

O publico ao principio estava n'uma espectativa fria, quasi hostil. O publico adora a Devriés, e nós achamos-lhe carradas de razão porque fazemos o mesmo, e entendeu — n'isso é que não lhe achámos razão alguma — e entendeu que o seu culto pela formosa Fidés lhe prohibia encarecer outro idolo.

E por causa d'isto naturalmente, e tambem por causa dos preços e por causa das historias de Valencia e d'esses rumores de decadencia que por ahi correram, a Patti foi acolhida com notavel frieza.

Todo o segundo acto do *Barbeiro* que ella cantou e representou assombrosamente bem, correu sem uma palma. O panno desceu e nem uma palma igualmente!

E não obstante a Patti justificára brilhantemente pela elegancia, pelo talento, pela graça, com que representára todo esse acto, a sua grande nomeada, mostrava que como cantora e como actriz não roubara a sua celebridade.

No terceiro acto a valsa da Sombra, da *Dinorah*, cantára na *licção*, n'um andamento muito differente d'aquelle em que a temos ouvido, com uma entoação extraordinaria, com uns grandes arrojos de *virtuosidade* e uma perfeição ideal, começaram a desarmar o publico, que no fim da valsa applaudiu muito a formosa diva e lhe pediu bis; mas a valsa do *Beijo* com que ella fechou a opera, foi o signal para a ovação, para a apotheose.

Deante da execução verdadeiramente colossal, assombrosa, estupenda, d'essa valsa tão corriqueira, tão ouvida e tão banal, mas que cantada pela Patti parece a mais divina das musicas, os espectadores fascinados, subjugados, cairam prostrados em extases aos pés da diva e acclamaram-n'a primeira entre as primeiras.

E a primeira recita da Patti, que muitos agouravam ser uma decepção, foi uma apotheose enthusiastica, as suas representações estão sendo o delirio de Lisboa,

E ninguem fala n'outra cousa — nem mesmo as pessoas que não alcançaram bilhete para nenhuma das recitas, porque essas mesmas falam da Patti a todo o momento para se consolarem de a não ouvir.

Gervasio Lobato.

O DUQUE DE VIZEU

DRAMA EM 5 ACTOS E EM VERSO

PELO

Sr. Henrique Lopes de Mendonça

Finalmente appareceu um drama, legitimamente portuguez, no fundo e na fórma, a quebrar a monotonia da importação das comedias francezas, pasto quasi exclusivo dos nossos theatros nacionaes!

Foi o sr. Henrique Lopes de Mendonça, o herdeiro de um nome já illustre nas lettras patrias, quem ousou vencer o encanto, e liberto de preoccupações de escola, procurou e conseguiu prestar á arte o culto que a sua consciencia desassombrada de preconceitos lhe dizia que devia prestar-lhe, como exemplo aos que ás cegas se contentam com as intemperanças theatraes que reproduzem o viver das sociedades modernas.

Se o pretender sair da rotina é já uma ousadia, o conseguir fazel-o brilhantemente é a denuncia de um talento vigoroso que da meditação e do estudo tirou os solidos estimulos com que se abalançou a tão temeroso emprehendimento.

Ainda hontem desconhecido no mundo litterario, o sr. Henrique Lopes de Mendonça, soube, a exemplo de seu tio, caminhar pelo seu pé, sem mendigar os faceis louvores da critica, nem offerecer a sua individualidade ás investigações curiosas dos noticiaristas.

Ainda ha dois annos sabia-se apenas que havia um official da marinha portugueza que se chamava Lopes de Mendonça, mas ninguem ainda então ligava este appellido ao do folhetinista illustre que ha quarenta annos fazia as delicias dos leitores da *Revolução de Setembro*, jornal que ainda hoje recorda, associados a d'elle, os nomes gloriosos de José Estevão e de Antonio Rodrigues Sampaio.

Uma pequena comedia em verso, intitulada *A Noiva*, deu a conhecer ao publico um dramaturgo, na pessoa do joven official de marinha que, com as peripecias da vida do mar embalara e vivificára as suas cogitações de poeta, as ardentias do seu coração de sonhador.

O publico acolhendo *A Noiva* sem estrondo, mas com interesse, baptisou auctor dramatico o rapaz de vespera apenas conhecido nas ordens do dia da armada; e toda a imprensa, n'esta occasião só de si inspirada, inscreveu-lhe o nome no livro de ouro dos exploradores que, no seu roteiro de peregrinos, marcam a gloria como objectivo do seu caminho atravez das difficuldades da vida litteraria.

O silencio, esse silencio ingrato, que acabrunha e desalenta os mais robustos engenhos, fez-se logo em seguida em volta do nome de Lopes de Mendonça, confundindo-lhe a já manifesta aptidão theatral, com os esforços impotentes de tantos que levantam o vôo para rapido o baixarem á mediania de um vegetar litterario sem cunho e sem alcance.

N'este intervallo, felizmente curto para honra do theatro nacional, Lopes de Mendonça fortalecera a sua vocação; medira as suas forças, e achara-se athleta; comparára o viver do Portugal de hoje com o viver do Portugal que elle aprendera a admirar na leitura das velhas chronicas, feita ao rugido do embater das vagas no costado, não dos velhos galeões da India, mas de qualquer das pequenas canhoneiras que ainda hoje sulcam os mares, levando arvorado o pendão das quinas.

D'este viver excepcional do homem do mar, brotou uma idéa, que em breve tomou vulto. Se em vez d'esse viver comesinho que o theatro moderno reproduz, aurido quasi sem excepção nas mesquinhas chronicas judiciarias, porque não hei de eu — diria Lopes de Mendonça — evocar á vida as figuras severas da nossa historia patria, com as suas paixões, as suas virtudes, e os seus crimes tambem?

A pergunta intima, correspondeu um plano vagamente delineado; ao plano, uma inspiração sadia, viril. Depois a execução de um drama primoroso, delineado com parcimonia, escripto em magnificos versos, revellando a não poder haver erro na affirmativa, a união de duas qualidades raras, a consciencia do escriptor que respeita a historia, com o vigor potente da imaginação do poeta, que em grandiosas imagens soube dar fórma a elevados pensamentos.

O drama *Duque de Vizeu* do sr. Henrique Lopes de Mendonça é, a par da solemne manifestação de um talento vigoroso, um protesto contra as demasias de uma escola incolor, que arvora as excepções em regras geraes, subordinando a verdade a um supposto realismo que affoga a imaginação, não dando logar ás expansões do verdadeiro talento.

Vae para meio seculo que o theatro nacional, estimulado pelo exemplo d'Almeida Garrett, procurava na sua recente restauração constituir-se com feições suas proprias, recorrendo á historia patria, e servindo-se d'ella como fundo de enredo das composições theatraes. Em 1838 representava-se *Um Auto de Gil Vicente* de Almeida Garrett, e tanto bastou para que no anno seguinte, 1839, subissem á scena dôze novas composições theatraes, a começar pelos *Dois Renegados* do sr. Mendes Leal, e a terminar pelo *Fronteiro d'Africa*, de Alexandre Herculano. N'este curto espaço de tempo representaram-se as seguintes peças originaes: — *Don Sisnando — A Actriz — O Camões do Rocio — O Marquez de Pombal — Os Dois Campeões — D. Ausenda — Captivo de Fez — Conde Andeiro — Aben-Affan e Affonso III.*

Até 1843 não affrouxou este notavel movimento dramatico, que depois descambou na mais lastimavel pobresa, dando a scena portugueza apenas signal de vida com uma ou outra composição dos srs. Antonio Ennes e Pinheiro Chagas, e algumas tentativas malogradas de outros auctores pouco bem fadados para a scena, a que fizeram excepção as comedias em verso do sr. Fernando Caldeira.

O *Duque de Vizeu* do sr. Lopes de Mendonça veio portanto reatar a tradição que se quebrára, e demonstrar ao publico que não ha difficuldades para o verdadeiro talento, e que a historia patria póde fornecer no theatro assumptos, tanto ou mais dramaticos, do que os realismos da vida do alcouce, ou do que as lagrimas nem sempre plausiveis dos tardios arrependimentos.

A figura austera, sombria, tragica de D. João II, foi apropositadamente escolhida pelo sr. Lopes de Mendonça para protogonista do seu magnifico drama, embora este tomasse por titulo o nome da victima sacrificada pela propria mão do real executor d'alta justiça. O soldado de Toro e de Arzilla, o reformador e remodelador da sociedade portugueza no seculo XV, é com effeito, e não podia deixar de o ser, a principal figura do drama, que as platéas do theatro de D. Maria II teem recebido com enthusiasmo, e a critica, á parte uma ou outra aberração do bom senso, saudado como imponente manifestação de um solido talento, que tende ainda a robustecer-se e a individualisar-se.

A classificação de historico dada a um drama, não significa que o auctor seja por isso forçado a dialogar as paginas pulvurentas das chronicas, acompanhando servilmente as narrativas sobrias que a chronologia encadeia, e a falta de liberdade dos velhos escriptores por vezes acanha, ou desnatura.

A antiga tragedia, presa ás unidades classicas, e á verdade historica, ou tradiccional, áparte a doçura dos versos de Racine, ou as violentas e grandiosas apostrophes de Corneille resentia-se do peso das algemas que o theatro moderno quebrou depois de Voltaire, de Crebillon e de Ducis.

Victor Hugo foi o gigante que em brilhante amalgama confundiu a historia com a imaginação, preoccupando-se apenas em reproduzir com fidelidade as feições typicas que a historia assignalava ás figuras que reproduzia na scena, sem curar demasiado na verosimilhança dos accessorios, nem duvidar associar á acção dos seus dramas personagens subalternos, que elle engrandecia pela imaginação elevando-os á altura requerida pelas exigencias da contextura dramatica. Se este não houvesse sido o processo do grande mestre, não teriam existido o *Ruy-Blas*, o *Hernani*, o *Roi s'amuse*, e tantas obras primas do excepcional dramaturgo.

O sr. Lopes de Mendonça, propondo-se a escrever um drama que devéras merecesse a qualificação de historico, leu reflectidamente primeiro a chronica de Garcia de Rezende, passou pelos olhos os magnificos quadros que Rebello da Silva nos deixou da lucta travada entre D. João II e a nobreza, e depois, fechando os livros, deixou se ir ao sabor da sua inspiração de poeta, cuidando apenas, unico dever que lhe impunha o seu elevado proposito, em não desmentir, amaneirando-as, ou engrandecendo-as alem do verosimil, as paixões das figuras que elegera para reproduzirem na scena uma epoca caracteristica da historia portugueza.

Por um processo analogo conseguira Casimiro Delavigne apresentar no theatro a tetrica figura de Luiz XI, o hypocrita e sanguinario rei de França, com quem D. João II teve mais de um ponto de contacto, symbolisando n'elle, como no monarcha portuguez symbolisou o sr. Lopes de Mendonça, a lucta tremenda entre o feudalismo e a realesa.

Quando uma obra litteraria, qualquer que ella seja, merece a sancção do publico, a critica não tem direito a discutir nem a idéa genial que a inspirou, nem sequer o modo porque o auctor a desenvolveu.

A esta verdade deu foros de preceito Sainte Beuve, fazendo seu o aphorismo de Victor Hugo, *l'ouvrage est'il bon, ou est'il mauvais? voilá tout le domaine de la critique.* Nós somos da mesma opinião do critico e do poeta, e respondendo á pergunta de Victor Hugo, com relação ao *Duque de Vizeu* do sr. Lopes de Mendonça, dizendo que o drama é bom, como de facto é, poupar-nos-iamos a quaesquer outras reflexões posteriores, se a critica litteraria entre nós não pendesse sempre para um dos extremos, applaudindo facilmente e sem reservas, ou então votando ao esquecimento, sem generosidade, os que por modestia se não impõem ás boas graças dos censores.

O sr Lopes de Mendonça passando pelo alto os primeiros annos do reinado de D. João II, andou acertadamente, evitando assim enredar-se nos delineamentos confusos da politica tortuosa, mas segura, do rei nos seus primeiros arremessos á fidalguia inquieta e conspiradora. A primeira denuncia de que o auctor é um dramaturgo de raça está no tacto infinito com que soube pôr de parte uma multidão de episodios, para desde logo escolher as figuras que lhe convinham á urdidura do drama e para lhe dar unidade sem prejuiso da verdade historica.

O grande politico que soubera preparar os gloriosos reinados de D. Manuel e de D. João III, está desenhado ao natural com traços firmes e apropriado colorido, em uma unica scena do *Duque de Vizeu.* Um dialogo só foi bastante para o espectador ficar sabendo em que meio politico e social se ia travar a lucta que tivera por inicio o cadafalso do duque de Bragança, o amigo do cavalheiroso D. Affonso V, e ia ter por desfecho o assassinato do duque de Vizeu, cunhado do rei verdugo.

Assim preparado o espectador o enredo do drama enleia-se naturalmente, logicamente, deixando ao auctor a liberdade de introduzir na acção a sympathica figura de Margarida, a ingenua representante do verdadeiro amor, acertadamente escolhida para contraste com a aridez de coração da infanta D. Beatriz, que no drama representa o orgulho desnaturado das classes patricias, justificando um pouco as vinganças sanguinarias de D. João II.

Correspondente á suave figura de Margarida, historicamente intrusa no *Duque de Vizeu,* correspondem nos dramas de Victor Hugo e nas tragedias de Schiller outras figuras de mulher que veem, como arroios lympidos de agua cristalina, lavar as nodoas de sangue com que a historia salpicou as suas paginas.

E' por intermedio d'estas apparições luminosas, que as obras d'arte se humanisam, alliviando as platéas do peso que as opprimia, furtando-lhes momentaneamente deante dos olhos o horror das grandes catastrophes tragicas. É por isso que nós falseando o preceito de Saint Beuve, que ainda ha pouco invocámos, desejáramos que Margarida não ensanguentasse as tabuas do theatro, apunhalando-se no ultimo acto do drama, á vista do espectador.

Para desenlace da tragedia bastava, a nosso ver, a morte do duque de Vizeu, não só historica, mas complemento dramatico da peça, o que nos parece se poderia realisar sem prejuiso dos bellos versos e dos elevados pensamentos que o auctor põe na bocca de Margarida.

Em todas as composições dramaticas, sem excepção, quando são muitas as figuras que a historia obriga o auctor a não poder banir, ou a imaginação indica como complementos indispensaveis da acção, uma ou outra d'essas figuras hade forçosamente ser menos accentuadamente esboçada. O drama tem um quadro fixo, restricto, que não tem a historia, e menos ainda o romance. Se todos os personagens de um drama fossem reproduzidos de corpo inteiro, não caberiam na tella, e quanto mais elevadas fossem as suas estaturas peor ainda. É por isso que a figura imponentissima de Carlos V se nos desenha apenas na magestade de um magnifico monologo, deixando Hernani, o protogonista do drama, enredar-lhe e desenlaçar-lhe a acção sem a interferencia directa do homem que assombrou a Europa. Não chamo defeito á substituição das grandes individualidades por outras individualidades de menor monta. Sei que é impossivel ás vezes proceder de outra maneira, e que ninguem tem direito a pedir contas a um auctor da sua inspiração, especialmente quando quem tem pratica de coisas de theatro conhece e apalpa, como se conhece e apalpa no *Duque de Vizeu* que, o auctor mediu todas as difficuldades da sua empreza, e tão resoluto lhe metteu hombros, que ousou affrontar, bem haja elle! as modernas theorias litterarias, que exigem que a aguia encolha as azas para poder entrar na capoeira, aonde a espera o realismo da gallinha occupada no labor de chocar os ovos.

O auctor do *Duque de Vizeu* sabia bem que, se quizesse embainhar o punhal de D. João II, e substituil-o pela *badine* de um requestador de abôrtos moraes, d'esses que o realismo da crapula eleva ao realismo do suicidio, podia, contando com o seu grande talento, contar tambem com a certeza antecipada do triumpho. Não o quiz porém fazer. Doeu-lhe á sua severa consciencia de artista vestir com versos amplos, sonoros, cheios de arrojadas metaphoras e de imagens viris as expansões corriqueiras das Magdalenas arrependidas, e as lamentações dos fraldiqueiros, fugidos ao dominio paterno, que se deixam adormecer ao som monotono das lôas das Aspasias que aspiram a dar entrada no *Flos-Sanctorum.*

Ainda quando grande não fosse o merecimento dramatico do *Duque de Vizeu,* e tem-no é incontestavel, bastava a ousadia do sr. Lopes de Mendonça em se deixar prender voluntariamente com as exigencias da rima, para se ver que ás qualidades raras de um verdadeiro dramaturgo andavam alliadas as de um verdadeiro poeta, no mais amplo e legitimo sentido da palavra.

Dizem-nos, oxalá que a noticia se realise, que o sr. Lopes de Mendonça projecta, aquecido pelo fogo dos applausos que recebeu, e em que tomou parte o chefe do Estado, galardoando-o com o habito de S. Thiago, escrever um novo drama, dando-lhe para assumpto os tragicos amores de D. Ignez de Castro, que tantas e tão mediocres tragedias tem inspirado a poetas nacionaes e estrangeiros, e que até hoje só tiveram digna commemoração no episodio dos *Lusiadas,* e na tradicção que os acolheu piedosa nas lendas populares.

Este assumpto, que por si mesmo se indica aos dramaturgos que tenham a consciencia da sua força, como Lopes de Mendonça deve ter da sua, por mais de uma vez foi lembrado por Almeida Garrett, que pensou mesmo em o aproveitar, antes da politica o envolver nas suas revôltas ondas.

Quem do emmaranhado reinado de D. João II soube saccar um drama com todas as condições que o genero requer, melhor o fará ainda prestando os seus alexandrinos flexiveis e imaginosos ás queixas da *misera e mesquinha,* como lhe chamou Camões, e ás explosões sanguinarias da medonha vingança do rei *Justiceiro.*

A divida fica em aberto, sem duvidarmos que o sr. Lopes de Mendonça se desobrigará d'ella por honra propria, e gloria das letras nacionaes.

L. A. Palmeirim.

ADELINA PATTI

Adelina Patti é a rehabilitação mais brilhante, mais triumphante, mais completa, d'essa raça desacreditada dos meninos prodigios, porque ella propria foi *enfant prodige* antes de ser a mulher prodigiosa que todo o mundo adora.

Filha de dois artistas, Salvador Patti, um barytono, e de Catharina Basili, uma cantora que esteve na epocha de 1841-1842, cantando no theatro de S. Carlos de Lisboa, Adelina Patti começou a cantar aos sete annos de idade. Italiana por seus paes, hespanhola pelo paiz em que nasceu, Adelina veiu a este mundo de Christo em Madrid, aos 8 de abril de 1843. Sua mãe perdeu a voz ao dal-a á luz, e comprehende-se. Quem brindava o mundo com uma voz como a de Adelina Patti, uma voz unica na historia lyrica, tinha todo o direito de emmudecer, tinha quasi o dever de se calar para sempre.

Em 1849, uma noite em que havia visitas em casa, a pequena Adelina safou-se da sala e metteu-se no quarto de sua mãe.

D'alli a bocado a Basili deu pela falta da pequena, e chamou-a.

Ninguem respondeu.

Um pouco assustada, correu á procura d'ella por todas as casas, e nada.

Por fim, ia a entrar no seu quarto quando ouviu a voz infantil de sua filha esganiçando-se enthusiasmada n'um canto muito seu conhecido.

Parou á porta e espreitou.

A pequena Adelina estava em pé, no meio da casa, *costumée à la diable* com a coberta da cama, uns lenços e umas toalhas, cantando com grandes gestos tragicos... a aria da *Norma.*

Depois, quando acabou de cantar, foi-se ao armario onde sua mãe guardava os tropheus gloriosos da sua passada vida de artista, tirou de lá uma corôa, e, fingindo de espectador, arremessou-a para o palco.

E immediatamente, voltando outra vez ao seu papel de artista, curvou-se a apanhar a coroa, e, com uns gestos graciosissimos de celebridade já habituada ás ovações, começou a agradecer ao publico invisivel que a victoriava.

Sua mãe, perdida de riso, com duas lagrimas de alegria a brilharem-lhe nos olhos, entrou no quarto, abraçou sua filha, que se fazia muito vermelha por ser assim colhida em flagrante ensaio das futuras glorias.

D'alli a um anno, Adelina cantava em publico em New York.

Tinha sete annos apenas, e para o publico a ver puzeram-n'a em cima de uma banca.

A pequena não estivera lá muito pelos ajustes d'essa estreia, e para conseguirem que ella se prestasse a cantar em publico foi preciso transigir com os seus caprichos de creança e deixarem-na levar ao collo a sua boneca mais estimada.

O enthusiasmo que a pequena Patti despertou foi enorme, e seus paes percorreram com a microscopica artista as principaes cidades da America n'uma *tournée* triumphante que lhes valeu muito dinheiro a elles e muitas ovações a ella, que assim foi de pequenina habituando-se á gloria.

De volta da America, seus paes entregaram Adelina aos cuidados e lições de Strakosth, marido de uma irmã de Adelina, homem de grande tacto artistico, um bello descobridor de estrellas, que adivinhou immediatamente o futuro brilhante que estava reservado a Adelina Patti.

D'alli a tres annos, Strakosth fazia debutar a sua educanda em New York na *Lucia,* e a Patti teve n'essa noite, 24 de novembro de 1859, o seu primeiro triumpho serio de artista.

Em 14 de maio de 1861, Londres ouvia-a pela primeira vez, e acclamava-a cantora sem rival, e d'alli a um anno Paris, assistindo aos seus debutes nos Italianos na *Sonnambula* (19 de novembro de 1862), sanccionava plenamente a opinião de Londres, e proclamava Adelina Patti a primeira cantora do mundo.

Desde essa noite até hoje vão 24 annos de gloria triumphal, de apotheoses brilhantes que a teem acompanhado atravez do velho e novo mundo, e collocado o seu nome n'um logar á parte, n'um logar excepcional, n'um logar unico, no mundo lyrico moderno.

Artista prodigiosa, dispondo da voz mais formosa que tem gorgeado em garganta de mulher, dispondo do talento mais brilhante que tem irradiado de alma de artista, Patti conserva hoje ainda em toda a sua plenitude gloriosa os seus privilegiados recursos artisticos, todos os dons maravilhosos de mulher, de cantora e de comediante, que fazem d'ella o assombro do mundo, o idolo unico que até hoje ainda não encontrou rival sobre nenhuma scena da Europa ou da America.

Lisboa deve finalmente ao sr. Campos Valdez a honra e a felicidade enormes de ouvir e de applaudir essa cantora *hors-ligne,* que é disputada a peso de ouro por todos os theatros celebres dos grandes centros artisticos.

Fóra do palco, a artista sublime é positivamente uma mulher encantadora, que fascina tanto pela graça que d'ella rescende, como pela simplicidade, que nem sempre é o apanagio d'essas celebridades enormes, a quem muitas vezes o fumo do incenso estonteia. A Patti tem uma singeleza seductora que prende, que captiva tanto quanto o seu talento collossal deslumbra.

Casada a primeira vez com o marquez de Caux, a Patti despresou o titulo de marqueza para só ouvir a voz do seu coração, e, tão depressa as camaras francezas votaram a lei do divorcio, aproveitou se d'ella para se soltar das cadeias aristocraticas que a prendiam e para se unir ao tenor

THEATRO DE D. MARIA II

Os conspiradores — A Rainha, D. Manuel e o principe
Fernão Martins Mascarenhas — Morte do duque de Vizeu — Diogo Tinouco e Margarida — Ruy de Pina e Pero d'Alemquer — Duque de Vizeu

SCENAS DO DRAMA «DUQUE DE VIZEU», DE HENRIQUE LOPES DE MENDONÇA (Desenho por M. de Macedo)

Nicolini, para quem a impellia o amor, e com quem vae casar logo que saia de Lisboa.

Corriam por ahi versões pessimistas que davam a Patti entrada em decadencia; a sua primeira recita em Lisboa foi um desmentido brilhante a esses falsos boatos, uma affirmação triumphante da plenitude completa em que ainda estão os seus privilegiados dotes de artista.

A essa affirmação da artista correspondeu o publico com uma apotheose enthusiastica, continuando assim a tradição gloriosa que acompanha a Adelina Patti por toda a parte por onde passa, fascinando com a sua graça, maravilhando com o seu talento, deslumbrando com a sua voz.

G. L.

AS NOSSAS GRAVURAS

SITIO DA AFURADA EM VILLA NOVA DE GAYA

A Afurada é uma pequena povoação de pescadores situada na margem esquerda do Douro, defronte do Ouro, na entrada marginal da Foz.

Adelina Patti
(Gravura de Caetano Alberto, segundo uma photographia de Nadar)

A sua principal industria é a pesca do mexoalho ou caranguejo, destinado a adubo agricola, sendo a ella que se deve o desenvolvimento que a mesma povoação tem tido de ha annos a esta parte.

Fóra d'isso os habitantes da Afurada empregam-se na pesca do rio, de que tiram os meios de subsistencia na época em que não vão ao mar.

Animosos e arrojados, esses pescadores aventuram-se a galgar as ondas nos frageis barquinhos, em que mal cabem duas pessoas e a rede, e por muitas vezes encontram no terrivel sorvedouro da barra do Porto, em occasiões de borrasca, o tumulo, em que deixam com a vida, os unicos recursos da subsistencia de suas familias.

A povoação nada tem digno de mencionar-se. É n'ella que a Real Companhia de Agricultura Portugueza tem estabelecida uma fabrica de preparação do mexoalho.

ACTUALIDADES SCIENTIFICAS

VII

Nova lingua commercial universal: — O Volapük.

Ha muito que alguns amigos da humanidade se occupam da resolução do intrincado problema de acharem uma lingua, que, facilima a todos os povos pela pronuncia e pela simplicidade do seu mechanismo tanto syntaxico como orthographia, se possa propor como universal e por isso ser classificada como commercial por excellencia.

Como nenhuma das linguas naturalmente formadas estão n'este caso, forçoso foi recorrer a uma lingua artificial. D'essas tentativas sahiu, como a ultima palavra da mais perfeita, o *Volapük* — lingua inventada por um linguista distincto, o dr. Schleyer, de Constança. Essa lingua recebeu tal acceitação, que desde 1881 que é estudada na Allemanha, Austria, Hollanda, Suecia, Inglaterra, Hespanha, Estados Unidos e Syria. N'esses paizes

68 sociedades a vulgarisam. Em allemão publicou o sr. Schleyer uma grammatica e um diccionario contendo 1200 vocabulos.

O *Volapük* possue no mais alto grau os grandes requisitos de uma lingua universal.

Orthographia. Cada letra, vogal ou consoante, tem um unico som. Ainda mesmo duas vogaes juntas, se pronunciam em separado. As palavras escrevem-se como se pronunciam, e reciprocamente são pronunciadas como se escrevem.

Orthoepia. O accento predominante é invariavelmente collocado na syllaba final.

Alphabeto. Tem 27 letras: 8 vogaes e 19 consoantes. *Vogaes:*

a — como no primeiro *a* de oxalá; exemplo: *tal*, terra.
ä — como na primeira vogal de léme; ex.: *län*, paiz, região.
e — como em café; ex.: *ted*, commercio.
i — como em sentires; ex.: *kit*, recibo.
o — como em polo; ex.: *tok*, cambio.
ö — como em *eu* francez; ex.: *söl*, senhor.
u — como em portuguez; ex.: *num*, numero.
ü — como *ú* francez; ex.: *tüb*, cuba.

Exemplo de duas vogaes juntas: — *fien*, juro de dinheiro, pronuncia-se *fi-enn*. O *Volapük* não tem diphtongos.

As consoantes são:

b, c, d, f, g, h, j, k, l, m, n, p, r, s, t, v, x, y, ʒ

O *k* e *q* são substituidos pela unica letra *k*. As consoantes pronunciam-se como em portuguez, com excepção de *c, g, j, ʒ*, que se pronunciam:

c — como o *j* inglez — *can*, mercadoria, pronuncia-se *djane*.
g — como *gu* francez — *genal*, general, pronuncia se *guénâle*.
j — como *ch* portuguez — *jal*, chale, pronuncia se *chale*.
ʒ — como em allemão — *ʒif*, cidade, pronuncia-se *tʒife*.

Substantivos. Teem sómente uma declinação, que é uniforme para todas as partes da oração. Ponha-se por exemplo *Vob*, o trabalho. Empregado como sujeito faz *Vob:* este é o caso nominativo. No limitativo ou genitivo faz *Voba*, do trabalho. Como complemento indirecto ou dativo faz *Vobe*, ao trabalho. O complemento objectivo, directo ou caso accusativo faz *Vobi*, o trabalho. No vocativo, ó trabalho, faz: *O vob*.

Como melhor explanação ponhamos a seguinte declinação: *Buk*, o livro.

SINGULAR

Nominativo — *Buk* — o livro
Genitivo — *Buka* — do livro
Dativo — *Buke* — ao livro
Accusativo — *Buki* — o livro
Vocativo — *O Buk* — ó livro

PLURAL

Nominativo — *Buks* — os livros
Genitivo — *Bukas* — dos livros
Dativo — *Bukes* — aos livros
Accusativo — *Bukis* — os livros
Vocativo — *O Buks* — ó livros

As declinações no plural formam-se juntando *s* ás fórmas do singular.

Artigo. É supprimido. A pedra, o livro, em *Volapuk* diz se pedra, livro, ainda que signifique a pedra, o livro, uma certa pedra, um certo livro.

Genero e numero. São todos os nomes do genero masculino, com excepção dos que designam seres do sexo feminino. O feminino forma-se ajuntando como prefixo ao masculino o pronome *of*, ella. Ex: *man*, homem; *of-man*, mulher.

Com respeito a animaes, para designar o genero natural feminino, junta-se *ji*. Ex.: *lein*, lião; *ji-lein*, lióa.

O plural fórma-se juntando se um *s*. Ex.: *Del*, dia; *dels*, dias; *Lug*, tristeza; *lugs*, tristezas. *Vam*, calor; *vams*, calores.

Adjectivos. O adjectivo fórma se pela addicção de *ik* ao substantivo correspondente. Ex.: *Dan*, gratidão; *danik*, grato. *Del*, dia; *delik*, diario; *Dib*, profundura, *dibik*, profundo; *Lug*, tristeza, *lugki*, triste; *Vam*, calor; *Vamik*, quente.

Tomado substantivamente, o adjectivo declinase do mesmo modo, que o substantivo.

SINGULAR

Nominativo — o quente — *Vamik*
Genitivo — do quente — *Vamika*
Dativo — ao quente — *Vamike*
Accusativo — o quente — *Vamiki*
Vocativo — ó quente — *O vamiks*

PLURAL

Nominativo — os jovens — *Yuniks*
Genitivo — dos jovens — *Yunikas*
Dativo — aos jovens — *Yunikes*
Accusativo — os jovens — *Yunikis*
Vocativo — ó jovens — *O yuniks*

Exemplo de invariabilidade do adjectivo. — Bons homens, *mans gudik*. Bom homem, *man gudik*.

Graus de comparação do adjectivo. Formam se para o comparativo e superlativo pelas disinencias *um* e *un* ajuntadas ao positivo. Ex.: *Yunik*, joven; *yunikum*, mais joven. *Nulik*, novo; *nulikun*, o mais novo.

As comparações por meio de tanto e quanto exprimem se por *so* e *ka*. Ex.: *Binol so smalik ka om*, tu és tão pequeno como elle.

Numeros cardinaes. 1 *bal*, 2 *tel*, 3 *kil*, 4 *fol*, 5 *lul*, 6 *mäl*, 7 *vel*, 8 *jöl*, 9 *ʒul*, 10 *bals*, 11 *balsebal*, 12 *balsetel*, 13 *balsekil*, 14 *balsefol*, 15 *balselul*, 16 *bal emäl*, 17 *balsevel*, 18 *balsejol*, 19 *balseʒul*, 20 *tels*, 30 *kils*, 40 *fols*, 50 *luls*, 60 *mäls*, 70 *vels*, 80 *jols*, 90 *ʒuls*, 100 *tum*, 1000 *mil* 1000000 *balion*, trillião *kilion*.

Os numeros compostos formam se da dezena, centena e milhar, etc., e o numero digito. Ex.: 22 *telsetel*, 56 *lulsemal*, 67 *malsevel*, 104 *tumfol*, 365 *kiltum mälselul*.

Adjectivos numeraes ordinaes. Formam-se ajuntando ao numeral cardinal a terminação *id*. Ex.: 1.º *balid* (*bal-id*); 2.º *telid* (*tel-id*); 78.º *velsejölid* (*vel-s-jöl-id*); millionesima *balionid* (*balion-id*); 1886 *balmil jöltum jölsemal*.

Os proporcionaes são: simples *balik*, duplo *telik*, triplo *kilik*, quintuplo *lulik*, etc. Formam-se accrescentando *ik* ao nome do numero. O suffixo *dil* serve para designar fracções. Ex.: meio *teldil bal*, um terço *kildil bal*, um setimo *veldil bal*, um quinto *luldil bal*, dois oitavos *jöldil tel*.

O CRIME DO CORREGEDOR

(Continuado do n.º 261)

XXV

Como se illude a justiça

Logo que se espalhou pela cidade a noticia do desacato apresentou-se perante os ministros da alçada, que dirigiam as pesquizas da justiça no descobrimento do auctor do crime, um homem ainda novo que disse:

— Eu sou o filho do escrivão do crime da côrte e chamo-me Manuel de Pina.

—Tem algumas revelações a fazer a respeito do facto occorrido a noite passada, em que a malicia e ingratidão humana se patentearam de uma maneira tão iniqua e sacrilega?

—Tenho a dizer que, recolhendo hontem de casa do corregedor do crime e meu amigo, bastante tarde, fui atacado por um homem que me quiz roubar. Como achasse resistencia pôz-se em fuga e eu seguia-o; mas ao passar em frente de uns casarões arruinados que existiam no caminho do Poço de Entre as Hortas, esse homem desappareceu-me, sem que jámais eu pudesse saber por que artes de magia elle se poude escapar.

O juiz da alçada interrompeu-o n'este ponto para ordenar ao escrivão que tomasse nota do depoimento da testemunha.

Manuel de Pina continuou inalteravel a sua narrativa.

— Procurei orientar-me sobre a desapparição do meliante, e como visse uns homens alli proximo, dirigi-me a elles para lhes perguntar se tinham visto o gatuno que eu perseguia.

O ministro interrompeu-o de novo, e, depois de folhear um volumoso processo que tinha sobre a mesa perguntou lhe:

— Quantos homens seriam esses de que falla a testemunha?

— Não posso precisar bem quantos eram, mas deviam de ser mais de quatro.

— E recorda-se de como estavam vestidos?

— Nem a hora, nem o local, nem a distancia em que me encontrava poderiam permittir-me...

— Bem sei, mas está cenvencido de que eram quatro?

E explicou a sua insistencia n'este ponto, dizendo:

— É essa circumstancia que desejava averiguar, porque tenho aqui mais de um depoimento de pessoas que, tendo passado hontem no largo de Santa Clara, viram ou ouviram dizer que da egreja de Santa Engracia sahiram, pela madrugada, quatro homens vestidos de pardo, dirigindo-se justamente para o lado do Poço de Entre as Hortas.

Manuel de Pina fingiu se verdadeiramente surprehendido e impressionado.

— Póde ser que fossem os que eu encontrei e agora mais me convenço, porque ia jurar que fugiram de mim ao approximar-me d'elles.

O ministro franziu o sobr'olho.

— Conte-me isso.

Foi assim. Um d'elles metteu se pelo lodo, o que parece demonstrar que não estava muito pratico do terreno que pisava.

— É verdadeira essa observação. Continue.

— Pôz-se então a praguejar!

— Outra circumstancia importante. E não se recorda que especie de blasphemias soltava em sua desesperação esse miseravel?

— Não. Percebi unicamente que se queixava aos companheiros do mau caminho e reconheci-lhe a voz porque muito bem o conheço por suas libertinagens, e além de mim toda Lisboa...

— O seu nome, diga-me o séu nome, bradou o magistrado, ardendo em santa indignação e zélo inexcedivel do real serviço.

— Simão Perdo Solis, senhor.

Um murmurio sinistro ecchoou de uma maneira ameaçadora.

— Foi o que me obrigou a desistir do meu proposito. Um encontro com similhante homem e em taes condições não me podia ser agradavel.

Estas razões eram de todo o ponto acceitaveis.

Simão Pedro Solis adquirira tal fama de espadachim, as suas emprezas nocturnas tinham obtido tal celebridade, a sua vida aventurosa tal fama, que ninguem estranharia o facto de qualquer pessoa não querer envolver-se em questões com similhante homem.

O ministro louvou o procedimento de Manuel de Pina, achou que o seu depoimento era de grande interesse e alcance para a justiça e fez immediatamente expedir ordem para que Simão Pedro Solis fosse preso e trazido á sua presença.

Entretanto mandou-se proceder a uma rigorosa busca em todas as casas d'aquelle bairro, principalmente nas que ficavam proximas do local para onde desde logo convergiram todas as attenções da justiça, — o conhecido Poço de Entre as Hortas.

Manuel de Pina foi convidado a prestar ahi todos os esclarecimentos que fossem precisos.

Elle, seguido das auctoridades que haviam desenvolvido todo o apparato de força publica n'esta diligencia, ratificou em o proprio local todas as circumstancias do seu depoimento, marcando o sitio em que encontrou os quatro homens suspeitos e o ponto em que havia desapparecido o ladrão que perseguira.

Seguindo estas indicações um novo facto veio confirmar as suspeitas dos ministros da alçada e dar maior força ás indicações do depoimento do filho do escrivão do crime.

Mettendo-se um dos esbirros pelo lodo, justamente no sitio em que Manuel de Pina dissera ter encontrado Simão Pedro Solis, achou espalhadas umas pedras brancas em tudo iguaes ás que para calcetamento do adro da egreja existiam amontoadas junto da porta da sacristia.

Este pormenor despertou lhe mais a curiosidade.

Proseguiu nas suas investigações e outros camaradas o auxiliaram, animados todos de igual zêlo.

Momentos depois um d'elles encontrou um pequeno fragmento de uma peça de metal, que logo correu de mão em mão até chegar ao ministro que presidia á diligencia.

Estas circumstancias não as havia Manuel de Pina previsto, e todavia ellas favoreciam-n'o de uma maneira tal que nem de proposito combinadas com a maior precisão e sagacidade.

Decididamente a sua obra sahia-lhe mais perfeita do que podia suppôr.

O pequeno fragmento de metal que acabava de ser encontrado era justamente o pedaço da pequenina cruz de ouro que encimava o sacrario e de cuja falta se havia feito já menção no auto respectivo.

Estava portanto achado o rasto do crime e conhecida a pista do criminoso.

O dedo de Deus manifestava se em sua suprema justiça.

Manuel de Pina havia sido por certo n'aquelle

PRONOMES PESSOAES. Eu *ob*, tu *ol*, elle *om*, ella *of*, si *ok*, elle (neutro) *os*, se *on*, nós *obs*, vós *ols*, elles *oms*, ellas *ofs*, se *oks*, vos *ons* e *onss*.
Declinam-se como os substantivos. Ex.:

Nominativo	— eu	— *ob*	*obs*	— nós
Genitivo	— de mim	— *oba*	*obas*	— de nós
Dativo	— a mim	— *obe*	*obes*	— a nós
Accusativo	— me, mim	— *obi*	*obis*	— nos

Eu via-vos, senhor! *Alogob onsi, o söls!*
Os pronomes e adjectivos possessivos formam-se dos pronomes pessoaes pela addicção de *ik*. Meu *obik*, nosso *obsik*, teu *olik*, vosso *olsik*.
Os pronomes possessivos são declinaveis. Ex.: á minha *obike*, ás minhas *obikes*, do seu *omika*, da sua *ofika*.
PRONOMES DEMONSTRATIVOS. São declinaveis. *At* este, *atof* esta, *atos* isto, *ut* aquelle, *utof* aquella, *et* esse, *etof* essa, *etos* isso. Ex.: Entendei isto, *Lilonsöd atosi*.
ADJECTIVOS DEMONSTRATIVOS. *At* este, esta; *et* aquelle, aquella. Não são declinaveis.
PRONOMES RELATIVOS. São declinaveis. *Kel* que, qual, o qual; *kelof* a qual; *kelos* o que; *Aikel* qualquer; *Aikelos* quemquer que. Ex.: Affirmo o que digo, *Aikelosi gepukons*.
VERBO ACTIVO. Forma-se o verbo do substantivo ao qual se junta *on*. Ex.: *sel*, venda; *selon*, vender.
O indicativo presente fórma-se do radical do verbo com os pronomes. Ex.: *Selob* eu vendo, *selol* tu vendes, *selom* elle vende, *selof* ella vende, *selobs* nós vendemos, *selols* ou *selonss* vós vendeis, *seloms* elles vendem, *selofs* ellas vendem. Vende-se *selon*.
O preterito imperfeito fórma-se ajuntando um *o*. Ex.: *aselob* eu vendia.
O preterito perfeito, juntando um *e*. Ex.: *eselob* eu vendi.
O mais que perfeito com um *i*. Ex.: *iselob* eu tinha vendido.
O futuro imperfeito com a addicção de um *o*. Ex.: *oselob* eu venderei.
O futuro perfeito, com *u*. Ex.: *uselob* eu terei vendido.
O condicional fórma-se juntando a desinencia *ov* ao imperfeito e ao mais que perfeito do indicativo. Ex.: *aselobov* eu venderia, *iselobov* eu terei vendido.
O imperativo fórma-se ajuntando a desinencia *od* aos diversos tempos do indicativo. Ex.: *Selol* tu vendes, *selolod* vende; *selobs* nós vendemos, *selobsod* vendamos.
O subjunctivo obtem-se ajuntando a suffixa *la* aos tempos do indicativo. Ex.: *Selob-la* que eu venda, *e elob-la* que eu tenha vendido, *iselob-la* que eu tivesse vendido.
O infinitivo é terminado sempre em *on*.
Presente — *selon* vender.
Preterito — *eselon* ter vendido.
Quando é precedido de *por*, antecede-se-lhe *al*. Ex.: *Kömol al nolön* Tu vens para saber.
Os participios são caracterisados pela desinencia *ol*. Ex.: Vendendo *selol*, tendo vendido *eselol*.
Podem ser empregados substantivamente. Quando o participio do presente ou gerundio é precedido de *em*, emprega-se o infinitivo. Ex: *In logön* em vendo.
Fórma interrogativa. É indicada pela prefixa *li* ajuntada ao verbo. Supprime-se, porém, quando o verbo é precedido de um pronome interrogativo ou de um adverbio de interrogação. Ex.: *Li-lemons foviko?* Compraes vós immediatamente? *Kisi lofons ome?* Que lhe offereceis?
VERBO PASSIVO. O verbo torna-se passivo ajuntando *p* aos tempos do verbo activo. No presente intercala-se *a*. Ex.: *pa-selob* eu sou vendido, *paselobov* eu seria vendido, *paselol* sendo vendido.
VERBOS REFLEXOS. Conjuga-se por meio do accusativo do pronome pessoal. Ex: Lavar-se, *vatükönöki*, eu me lavo *vatükob obi*.
VERBO IMPESSOAL. É caracterisado pelo suffixo pronominal *os*. Ex.: *Lomibos* chove, *alomibos* chovia, *elomibos* choveu.
Tambem se emprega a fórma impessoal, quando o sujeito é representado por um pronome neutro. Ex.: Isso não é verdade *no binos velukit*.
ADVERBIOS QUALIFICATIVOS. Formam se dos adjectivos pela adição de *o*. Ex.: *Gudik* bom, *gudiko* bem. Os outros adverbios, preposições e conjunções teem nomes especiaes como os vocabulos radicaes, que devem ser aprendidos de cór.
FORMAÇÃO DAS PALAVRAS. Os radicaes foram tirados de todas as linguas da Europa, mas especialmente do francez, allemão e inglez. Como a letra *r* apresenta difficuldade de pronuncia aos povos orientaes, essa letra é geralmente substituida por *l*. Ex.: *Blod* irmão, derivado do inglez *brother*; *dlin* bebida, derivado do verbo inglez, *to drink*.
O *volapük* admitte todas as palavras compostas cuja traducção não apresente nenhuma difficuldade e na formação das quaes não entrem mais de dois substantivos.
As regras são as seguintes:
O determinado deve sempre seguir o determinante. O determinado põe se geralmente no genitivo e toma, segundo o sentido, o signal do plural ou do singular. Ex.:
Volapük, lingua universal — de *pük* lingua, *vol* universo, *vola* do universo.
Vödasbuk, diccionario — de *buk* livro, *vodas* das palavras (*vod-a-s*, sendo *a* o signal do genitivo e *s* do plural).
Fataslän, patria — de *fatas* dos paes e *lan* paiz.
Penedamak, sello de carta — de *mak* sello, *peneda* da carta.
Os substantivos derivados são formados de substantivos radicaes pela addição de suffixos e de prefixos.
Os verbos derivados são formados dos mesmos prefixos que servem aos substantivos.
REGRAS DE CONSTRUCÇÃO. O adjectivo determinativo ou qualificativo segue sempre o substantivo. Ex.: *Nafs obik kil nulik*, navios meus tres novos, isto é, os meus tres navios novos.
O sujeito colloca-se antes do verbo ou predicado. Ex.: *Fat omik kömom*, pae seu vem, isto é, seu pae vem.
O complemento, attributo ou nome predicativo segue o verbo. Ex.: *Penof gudiko*, ella escreve bem.
A negação, pronomes, adjectivos e adverbios de interrogação ou pronomes interrogativos, podem preceder o verbo. Ex.: *Kim vokom?* quem chama? *Kim no nolom?* quem não sabe?
Os differentes complementos seguem se na sua ordem de importancia na phrase.
Para com mais conhecimento o leitor poder formar idéa d'esta nova lingua, damos-lhe aqui um pequeno vocabulario, extrahido da conferencia que o sr. Juclier celebrou em Bordeus, e da qual nos servimos para este resumo.

Adyo	—	adeus
Blod	—	irmão

---

caso o instrumento da Providencia, e foi por todos abraçado com lagrimas de enternecimento e muitas palavras sentidas de reconhecimento e louvor.
Não faltou quem attribuisse a milagre do Senhor aquelle caso referido do roubo, que attrahiu Manuel de Pina áquelle sitio para reconhecer e descobrir os infames e sacrilegos violadores da casa de Deus, que haviam ousado pôr suas mãos impuras nas sagradas particulas e profanado os sacrarios e as aras santas.
Manuel de Pina, posto não deixasse de admittir como sobrenatural a desapparição do homem que o perseguira n'aquella noite, manifestava todavia uns certos escrupulos em acceitar a hypothese proposta de que elle fosse um enviado de Deus.
Nem podia suppôr tal blasphemia, pois jurava que o homem que encontrára era um ratoneiro simplesmente, e de nenhuma maneira podia acreditar-se que tivesse tão maus costumes um enviado do céo.
Estas objecções de todo o ponto sensatas, inspiradas pelo espirito de uma recta orthodoxia, mereceram applauso de todas as pessoas conspicuas e valeram-lhe grande louvor e grande credito. Já de ha muito que este mundo foi talhado para os patifes.
Posto isto acordaram todos em que devia ser procurado o mysterioso gatuno, e como asseverasse Manuel de Pina, com a maior segurança, que logo o reconheceria apenas lhe fosse apresentado, mais ainda se exaltou a curiosidade de resolver o problema.
A casa arruinada, que servia de esconderijo ao *Trovão* e seus companheiros, foi cercada immediatamente.
Tudo estava indicando que as pesquizas tinham de começar por alli, visto ter sido n'aquelle sitio que Manuel de Pina vira desapparecer o homem que o quiz roubar.
Em um momento foi invadido o pardieiro.
Nem uma respiração mais alta vinha quebrar aquelle silencio procursor de algum extraordinario commettimento.
Muitos phantasiavam uma alluvião de espiritos maus adejando-lhe em redor com as suas azas negras, porque a fama d'aquelles pardieiros attribuia-lhes cousas sobrenaturaes de apparições mysteriosas e casos de bruxaria.
Affirmava-se andar por alli alma penada de algum christão novo, ou usurario convicto, e quem houvesse de demandal-a nunca mais lograria saude até sua hora final.
Em vista d'isto era grande temeridade tocar de assalto e penetrar n'aquelles arruinados casebres, posto que escudados pelos exorcismos de alguns ecclesiasticos que a pedido conjuravam da parte de fóra o mau espirito, emquanto os homens de armas e empregados de justiça, por obrigações do cargo e dever de disciplina, se arriscavam ao emprehendimento.
Manuel de Pina, que estava sendo o heroe do dia, foi dos primeiros que transpôz os sinistros hombraes.
Os demais imitaram-lhe o exemplo, mas em vez de maus espiritos só encontraram teias de aranha e exhalações miasmaticas a que o olphato menos apurado não podia resistir.
O casarão estava inteiramente abandonado e nada havia que indicasse a possibilidade de assistir alli alguem.
E todavia, n'aquelle momento e alli mesmo, apenas alguns palmos abaixo do nivel do solo que pisavam, tres homens sobresaltados e inquietos aguardavam, n'uma situação desesperada, inexplicavel, terrivel, o desenlace d'este episodio.
Quando elles reconheceram que estavam cercados e que o seu esconderijo era objecto d'aquelas demonstrações hostis, logo lhes occorreu a idéa de que Manuel de Pina os havia atraiçoado.
Uniram-se todos como em um só corpo, e o pensamento commum foi traduzido por estas palavras do *Trovão*:
— Rapazes, aqui não ha que esperar clemencia, estamos bem armados e podemos vender caras as vidas, para que se não diga que nos entregámos como carneiros.
— Sim, sim, bradaram os dois companheiros, de animo deliberado e proposito firme.
E logo se prepararam para a defeza, indo collocar-se á entrada do esconderijo, onde formaram uma especie de barricada, cujo parapeito devia defendel-os com alguma vantagem, pelo menos emquanto tivessem polvora e bala para responder ao ataque dos invasores.
Além d'isso, do sitio em que estavam, podiam sem ser vistos observar todas as manobras do inimigo, estudar-lhe os movimentos, prevêr-lhe as intenções.
— Rapazes, dizia o *Trovão*, aqui ninguem dá signal de si, nem dispara um tiro sem eu mandar.
— Silencio, bradaram todos.
E cada qual no seu posto, de ouvido á escuta e olhar attento, de lynce, profundo, firme, não perdia uma palavra, um gesto, o mais insignificante movimento dos invasores.
Foram indescriptiveis as sensações por que passaram.
Logo que a porta do abandonado casarão cahiu pedaços ao impulso da onda popular, que rugia ameaçadora, a primeira pessoa que elles reconheceram foi Manuel de Pina.
Como era de suppôr nenhuma surpreza lhes causou essa apparição, e só lhes trouxe a confirmação das suas suspeitas.
Aperraram as armas e collocaram-se em acção propria.
Mas logo que passou esse primeiro movimento de prevenção, foi com verdadeira surpreza que elles reconheceram que Manuel de Pina havia ido alli com outro sentido qualquer bem diverso d'aquelle que suppunham.
Era elle que dirigia a busca, mas protegia o esconderijo em que os companheiros se encontravam.
Respiraram, como se lhes arrancassem lá de dentro um peso esmagador. Esperaram n'uma anciedade de todo o ponto justificada, que o enygma se aclarasse.
Entretanto, convencidos os agentes da justiça de que não encontrariam alli quem procuravam, cada qual foi-se retirando. N'essa occasião, Manuel de Pina approximou-se ligeiramente da entrada do subterraneo, affastou uma das pedras que a occultava e introduzindo o braço deixou um papel fechado em fórma de carta, affastando-se em seguida, de uma maneira indifferente.
O *Trovão* apoderou-se d'esse papel e voltando-se para os companheiros exclamou com alvoroço e enthusiasmo:
— Estamos salvos!
Ao mesmo tempo Manuel de Pina ia ao encontro dos que o haviam acompanhado e dizia:
— Errámos o rumo, mas não perdemos a esperança: o homem ha de apparecer!

(Continúa)

Leite Bastos

Buk	—	livro
Can	—	mercadoria
Dlin	—	bebida
Dom	—	casa
Et	—	esse, essa
Fad	—	fio
Fel	—	campo
Flen	—	amigo
Flidel	—	sexta feira
Fluk	—	fructo
Fut	—	pé
Gad	—	jardim
Giv	—	dadiva
Gled	—	grandeza
Glid	—	saudação
Gub	—	leme
Gud	—	bondade
Kap	—	cabeça
Kek	—	pastel
Klin	—	aceio
Klon	—	corôa
Lob	—	elogio
Lit	—	luz
Mit	—	carne, comida
Mon	—	dinheiro, moeda
Nad	—	agulha
Naf	—	navio
Nat	—	natureza
Nef	—	sobrinho
Nol	—	norte
Pub	—	publicidade
Sed	—	remessa
Spel	—	esperança
Stajen	—	estação, gare
Stil	—	tranquillidade
Suad	—	persuasão
Vil	—	vontade
Vok	—	voz
Vun	—	ferida
Yag	—	caça

Actualmente o *Volapük* tem um grande numero de partidarios espalhados por todo o mundo e interessados em dar a conhecer esse facilimo instrumento de communicação commercial. O *Volapük* aprende-se n'um mez. Oito lições bastam para que qualquer pessoa possa communicar com todos os volapukistas. Muitas casas commerciaes da Allemanha já o adoptaram. Seja pois bem vindo o *Volapük*, que será tambem o meio de espalhar na humanidade as grandes e generosas idéas que acceleram o progresso e por isso contribuem tanto para a felicidade da grande familia humana.

João de Mendonça.

RESENHA NOTICIOSA

Inauguração da ponte internacional do Minho. — Verificou-se no dia 25 do mez findo a inauguração official da Ponte Internacional do Minho, que atravessa este rio entre Valença e Tuy. A este acto assistiram varias auctoridades de Portugal e Hespanha, membros da imprensa de ambos os paizes, e os engenheiros srs. Rollin, Palma, Emygdio Silva, Souza Brandão, Schoulepinkow, Mendes Guerreiro, Justino d'Oliveira e Ricardo Costa. Foi servido aos convidados, em uma barraca, para esse effeito levantada, um lauto almoço em que se trocaram affectuosos brindes de parte a parte entre hespanhoes e portuguezes, e apesar do dia estar chuvoso, a concorrencia de povo era enorme manifestando grande enthusiasmo. Em o n.º 226 do Occidente publicámos uma gravura d'esta ponte por occasião da sua conclusão, e um artigo muito interessante e completo a seu respeito.

VILLA NOVA DE GAYA — Sitio da Afurada (Segundo uma photographia de Biel)

Exposição de rosas. Deve realisar-se em maio proximo, no palacio de crystal do Porto, uma exposição de rosas a que poderão concorrer os floricultores de profissão e os amadores. Os estabelecimentos do estado poderão tambem expôr, mas não entrarão no concurso a premios sem que por isso percam direito a qualquer distincção que o jury entenda dever-lhe conferir.

Curso de linguas aricas. O sr. Vasconcellos de Abreu inaugurou na Sociedade de Geographia de Lisboa, um curso de linguas aricas sagradas-orientaes — sanscrito, pali e senda. — Para cursar estas linguas e preciso conhecer as linguas allemã ou ingleza.

Concurso litterario internacional. O rei Oscar II da Suecia abriu um concurso internacional com dois premios de honra, para as duas melhores obras litterarias que se apresentarem até ao anno de 1888, sobre os seguintes assumptos: Historia das linguas semiticas — Estado da civilisação dos arabes antes de Mahomet. O sr. Vasconcellos Abreu, lente do curso superior de lettras, foi convidado pelo jury a concorrer a este certamen, assim como a encarregar-se de fornecer aqui todos os esclarecimentos, para o que o mesmo jury lhe enviou todas as instrucções.

Fallecimento. No dia 15 de março falleceu em S. Martinho do Porto o erudito escriptor e funccionario distincto o sr. Albano Anthero da Silveira Pinto O sr. Silveira Pinto era auctor de obras importantes taes como: *Memoria chronologica do descobrimento das terras do Preste João; Memorias da Asia; Viagem por terra da India a Portugal em 1565; Documentos para a historia da marinha portugueza; Resenha das familias illustres de Portugal*, etc. Foi tambem um dos fundadores do *Jornal do Commercio*.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Historia da Revolução Portugueza de 1820, por José d'Arriaga, Livraria Portuense de Lopes & C.ª, successores de Clavel & C.ª, editores, Porto. Um folheto in-4.º que serve de prospecto á obra que em breve vae principiar a publicar-se em fasciculos mensaes. A *Historia da Revolução Portugueza de 1820* compôr-se-ha de quatro volumes que serão distribuidos em cêrca de 50 fasciculos de 64 paginas in-4.º Os editores estão empenhados em fazer uma edição magnifica e digna do assumpto, que não póde, em verdade, ser mais importante e que mais deva interessar o publico. Collaboram n'esta obra os artistas portuguezes srs. Marques d'Oliveira, Caetano Moreira, Joaquim Victorino Ribeiro e Columbano Bordallo Pinheiro, cada um dos quaes desenhará um quadro historico da época, que será distribuido como brinde aos assignantes. Além d'isto a obra é ainda illustrada com retratos dos heroes da revolução e outros personagens historicos, e d'esses retratos nos dá uma amostra o folheto a que nos referimos. Attendendo aos bons desejos que animam os editores a fazer uma edição aprimorada, parecem-nos pouco conformes com esses desejos os retratos que nos apresentam, pela sua execução grosseira e pouco cuidada, para uma edição que se preze. Estamos certos que os srs. Lopes & C.ª, remediarão este senão, e que a edição da *Historia da Revolução Portugueza de 1820* será um verdadeiro monumento com que todos se applaudam.

Typ. Elzeviriana — Praça dos Restauradores, 50 a 56 — Lisboa.